

## **DIOTA: POÉTICA DO ABSURDO EM TEMPOS DE CRISE**

### ***DIOTA: POETIC OF THE ABSURD IN CRISIS TIMES***

Natasha de Albuquerque / UnB

#### **RESUMO**

Este artigo relata a performance *DIOTA* realizada pela autora numa estratégia auto representativa de fracasso e crise. O registro desta performance vai para as redes, “viraliza” espontaneamente em sites conservadores e pornográficos, assim recebe novas estórias, novas significâncias. As (re)apresentações postas pelos autores da internet e seus reboliços políticos, geram reviravoltas simbólicas mostrando um cenário bélico de discursos hegemônicos e trânsito dos fatos. A poética do absurdo está no atravessamento das narrativas, em suas reviravoltas, na revolta e em suas rupturas.

**PALAVRAS-CHAVE:** performance, fracasso, crise, absurdo.

#### **ABSTRACT**

*This article is about the performance DIOTA, made by the author in a self-representative strategy of failure and crisis. The register of this performance gets available online and goes viral loosely in conservative and pornographic websites, thus, it receives new stories and meanings. The (re)presentations depicted by the internet authors, its political mess, create symbolic overturns showing a belic scenario of hegemonic speeches and transit of facts. The poetic of the absurd is on crossing the narratives, in its turnarounds, in the riots and its ruptures.*

**KEYWORDS:** performance, failure, crisis, absurd.

Em 2016, ocorreu o evento *Participação Performance Política*. Foi financiado pelo prêmio Redes FUNARTE para a realização de conexões e intercâmbios culturais entre áreas. Organizado pelo Corpos Informáticos<sup>1</sup>, o evento teve residência artística no Lago Oeste (área do Entorno de Brasília) com encontros, trocas entre artistas de diversos Estados (Amapá, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo); integração com a população local e também conhecimento sobre o bioma do cerrado com geógrafo local.

Formulamos o evento *Participação Performance Política* visando a iteração das propostas performáticas e residência artística para maior integração entre os artistas e moradores locais. Durante a residência artística foram analisados os aspectos participativos e inesperados durante a performance. Chega-se à ideia que o fracasso da performance seria a participação do público, sua intersecção e alteração, a iteração. Rimos pelo sucesso e pela contradição de tal apontamento.

Em *DIOTA* (figura 1, 2 e 3), performance realizada durante o evento citado, o fracasso torna-se evidência e revela crise. Propõe-se uma corrida meio à um lugar devastado com intuito de cair, de revés. De uma maneira burra me entreguei a um sentimento depressivo por coisas que pareciam não existir ou que eram idiotas demais para tal paixão. Durante tal processo escrevo em meu diário sem pretensões:

Não sei porque me sinto estranha. Fico fazendo piadas e de repente me bate uma depressão, um vazio, um cansaço, um tal “coitada de mim” [...] Fico numa carência com vontade de ficar sozinha. Fico num pensamento meio *nada* que facilmente vai para o lado das minhas frustrações amorosas, como se o problema fosse só esse. Nada entendo. É um refletir que vira nada, um nada que vira pensamento, que sempre vai para os mesmos pensamentos de paixões que eu não gosto. Termina em gastrite forte. [...] desamarra! Aceita o lugar do silêncio como recolhimento, reflexão, tenta mudar seu tipo de reflexão. Sua reflexão não precisa ser pensamentos, pode ser sinapses do corpo que ainda está associando. Sai da imaginação figurativa, sai do humano!

Este escrito fez parte do meu processo de criação. Busquei olhar mais para a paisagem e ficar sozinha em minhas reflexões. Na paisagem “morta” do cerrado queimado, me senti morta. Ao mijar na poeira, acabei por molhar minha perna. Não tive vontade de levantar as calças e saí correndo com as calças arriadas aos gemidos e choro. Caí e voltei a correr obsessivamente, também chorei

obsessivamente. Achei prazeroso aquele fundo do poço, apesar de achar ridículo e julgar meus sentimentos exagerados. Lancei-me no *nada* que sentia como um deslize no horizonte e nas minhas lágrimas. Fiz um buquê de flores que se despedaçava enquanto eu corria.

Refiz esta ação como proposta performática para o evento tornando-a um deboche de mim mesma (figuras 1, 2 e 3). Como não achar idiota e rir da tamanha depressão? Tirei o “i” da palavra “idiota” para torná-la mais burra: *DIOTA*. Do “di” pensa-se em dualidade, que para mim virou crise, contradição, conflito, ironia, tropeços. Então comecei a achar tudo engraçado. Minha crise deu uma reviravolta. Duma radicalidade chega-se ao oposto.

*DIOTA* foi feita para rir, e, sem explicações, ficou em aberto para quem esteve presente. As iterações na ação modificam a narrativa. Cássia Nunes estava em performance duracional chamada “Aparição” a qual aparecia em locais improváveis de máscara, nua e amarela. Ela acabou por participar de *DIOTA* num diálogo sensitivo (sem-sentido) e divertido (figura 1). Naldo Martins também abaixou as calças e gritou comigo a frase inversa de poder “Eu falo” (figura 3). Nada foi combinado.



Figura 1: *Diota*. Proposta por Natasha de Albuquerque, participação: Cássia Nunes e Naldo Martins. Foto: Rômulo Barros. Evento *Participação Performance Política*, Lago Oeste, 2016.



Figura 2: *DIOTA*. Proposta por Natasha de Albuquerque, participação Cássia Nunes e Naldo Martins.  
Foto: Rômulo Barros. Evento *Participação Performance Política*, Lago Oeste, 2016.



Figura 3: *DIOTA*. Proposta por Natasha de Albuquerque, participação Cássia Nunes e Naldo Martins.  
Foto: Rômulo Barros. Evento *Participação Performance Política*, Lago Oeste, 2016.

Eu falo. Falo. Falo por muitos, por todos que me transpassam. Atravesso todos. Falo por e com diversas vozes. Falo pelo desejo de falar. Corrompo o *monogênero* de fala, crio uma nova política – micropolíticas de lógica indisciplinada. Deixo a garganta gritar. Falo sem ver, falo sem boca, falo sem cabeça, falo correndo, falo tanto que não se entende mais minha fala. Mas falo algo que, seja lá o que for, também fala por si, se identifica com o mundo e transita.

Neste texto usa-se recorrentemente “nós” uma vez que falo por mim em atravessamento com outrem. Esta fala vem como um desabrochar desconhecido, rumo a algo que não sabemos, mas que deixa nos lançarmos de corpo inteiro – um *corpo sem órgãos* (DELEUZE, 1995) que encontra a si por meio de seu próprio estranhamento, seus próprios estranhos impregnados. O que não entendemos de nós mesmos, nós sentimos e deixamos desabrochar.

Estamos em uma experiência errante de insurgência (JACQUES, 2012), uma lógica nômade de criar percursos inimagináveis, à margem do que já se sabe, ou seja, marginal de um conhecimento *normatizante*<sup>2</sup>, de definição fixa. Nos perdemos para nos encontrar e deixamos fluir as sensações latentes que são ao mesmo tempo nada inteligíveis. Busca-se um discurso para além do entendimento, uma vez que não é necessário levar em conta o saber teórico para tentar descobrir como chegamos, como estamos aqui e agora.

Questionamos a sapiência ou o conhecer como unidades. Questionamos o que nos faz inteligentes. Inconcluimos questões profundas. Quiçá o método científico do saber (observações- modelos- previsões) descreva todos os fenômenos que sabemos, caso contrário desconhecemos. Astrofísicos<sup>3</sup> dizem que 90% do universo é feito de matéria escura, sendo esta, definida por algo que não sabemos; logo 90% das coisas do universo são coisas que não sabemos.

A pesquisa vem como vontade de conhecer as coisas, de se aproximar delas. Mas se somos incapazes de conhecer em totalidade, o que fazer com o sentimento de incompletude? Podemos nos libertar da explicação verificável e buscar a alteridade da experiência vivida, uma experiência de totalidade. O que importa é ter coragem

para se lançar no desconhecido, que é onde as pessoas têm mais medo de ir ou rir (DELEUZE & GUATTARI, 1995).

Como tudo transbordaria? A dúvida seria um progresso? Fracasso? O que seria um absurdo? A palavra “absurdo”, muito utilizada em tempos de crise e choque político, parece estar por toda parte. Absurdo como se algo não pudesse existir ou como se fosse impossível olhar para saber o que realmente é. O que se olha sem ver. O absurdo poderia ser um abismo do sentido, uma perplexidade que causa revolta, uma inconformidade ou um *extra-ser* diferente do que é efetivo. Absurdo por não ter a capacidade ser absorvido, digerido, amado.

## O FRACASSO INSISTE NO SUCESSO DA PERFORMANCE

Meses após a publicação do vídeo da performance *DIOTA* no site [performancecorporopolitica.net](http://performancecorporopolitica.net), surgem publicações em outros sites onde *linka-se* o vídeo e gera-se numerosos comentários. Começa por sites pornô e destrincha em páginas de extrema direita, coleções de vídeo-performances, coleções de pornografia, fóruns de discussão anônimos e milhares de compartilhamentos em “linhas do tempo” do *Facebook*. Em tamanha repercussão, perde-se a noção de totalidade destas vozes. Surgem interpretações a respeito da obra:

Do mesmo grupo que trouxe "*Descrescendo* por Gisele Alvarenga" e "*Dança das Cadeiras*", chega "*Diota*".

"*Diota*" é um ode ao anti-machismo, ao poder das vaginas e dxs não-binárias dizerem NÃO.

Natasha está livre, leve, soltx e sorridente, com seu sexo desprotegido mas, elx acorda para a realidade que a sociedade em que vive (a terra sem frutos e flores): é a sociedade machista pútrida do patriarcado que quer que elx se subjugue, que elx abaixe as calças. Mas elx abaixa sim, para poder mijar e cuspir na cara da sociedade; mijar e cuspir! mijar e cuspir!

Cássia Nunes é x Capataz do Falo, o machismo amarelo hepático, com a máscara das vaidades, é o Falo duro solidificado na testa dx Capataz que persegue Natasha e sua vagina, que está desnuda, está chorando lágrimas negras; é o poder do patriarcado representado em forma humana.

"EU FALO"! Um grito para que nós acordemos! "EU FALO"! É o grito que une gays, lésbicas enfim, toda a comunidade *queer* (representada pela união entre a vagina revoltada de Natasha e o pênis flácido de Naldo) contra o patriarcado machista nojento. É



Seguem abaixo alguns dos comentários sobre o vídeo DIOTA: “mais relevantes” selecionados pelo Facebook da página “Mamãe Falei”<sup>7</sup>: página de movimento político liberal com alto engajamento. A partir deste site, o vídeo foi compartilhado 2139 vezes e gerou mais de 3700 comentários.



Figura 4: Post por usuário 1 em página *Mamãe Falei*. Facebook, 2017.

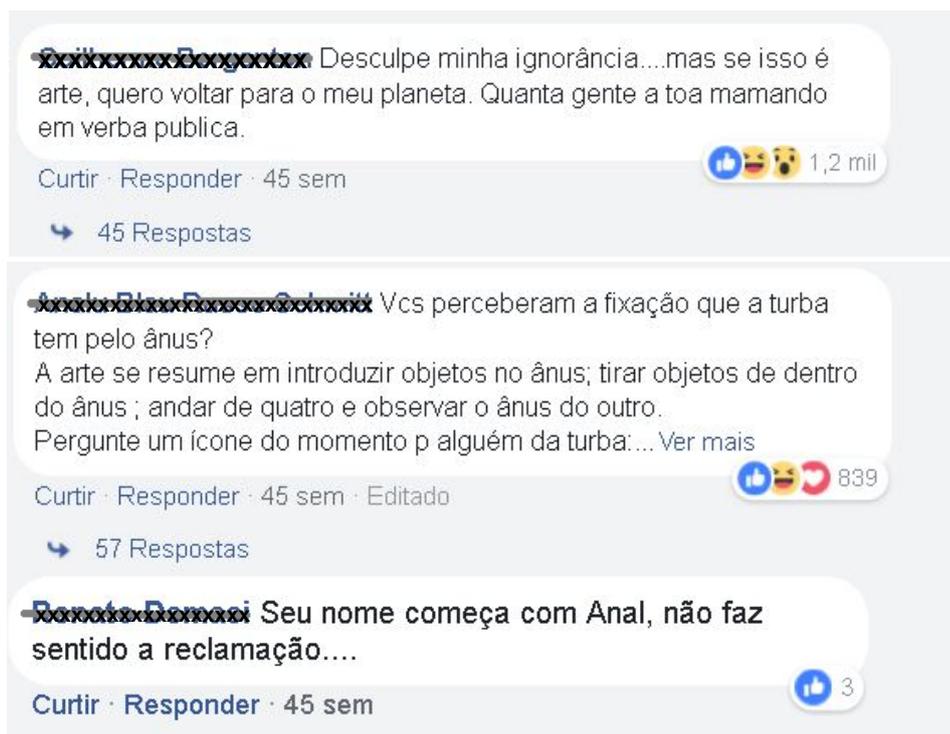


Figura 5: Comentários sobre *DIOTA* por usuário 1, usuário 2 e usuário 3 em página *Mamãe Falei*. Facebook, 2017.

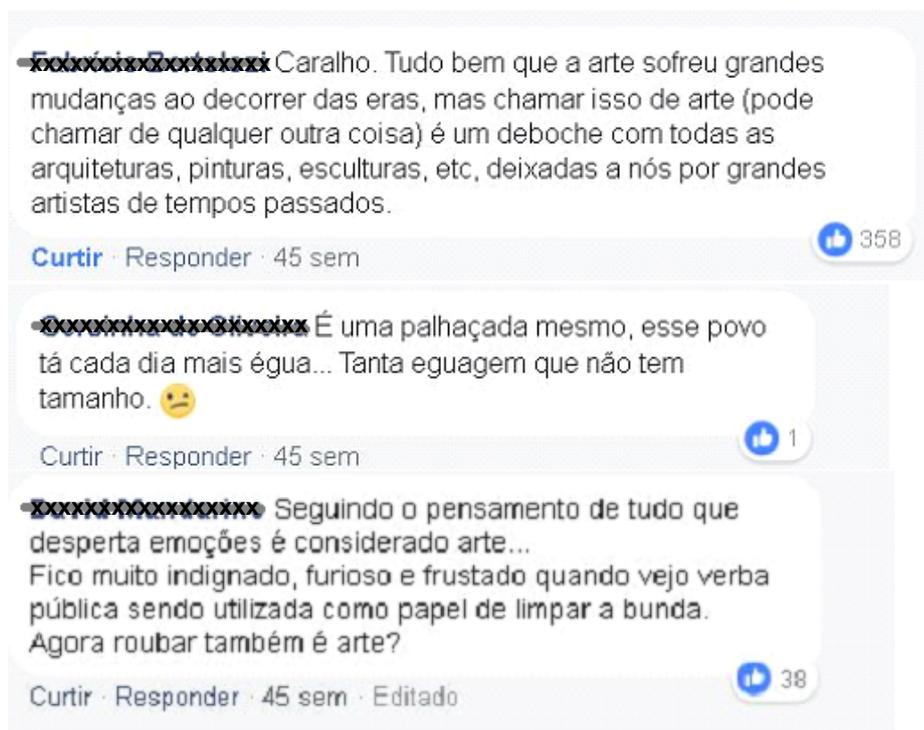


Figura 6: Comentários sobre *DIOTA* por usuário 1, usuário 2 e usuário 3 em página *Mamãe Falei*. Facebook, 2017.

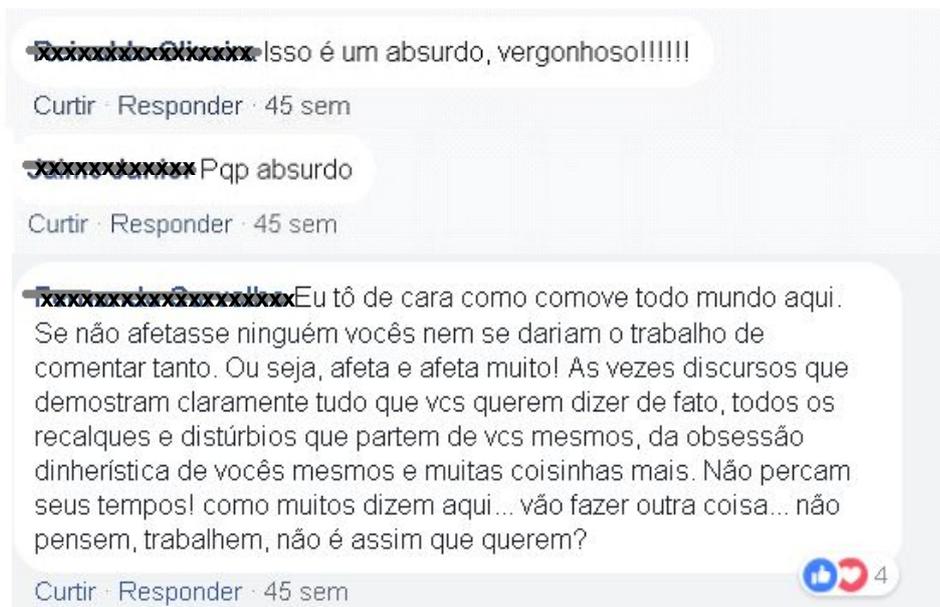


Figura 7: Comentário sobre DIOTA por usuário 1 e usuário 2 em página Mamãe Falou. Facebook, 2017.



Figura 8: Post resposta em página Mamãe Falei. Por Natasha de Albuquerque. Facebook, 2017.

Outros links:

<http://www.sweetlicious.net/arte-erotica/diota-75576>

<https://www.youtube.com/watch?v=sYmDxur1oVE&t=2s>

<https://www.youtube.com/watch?v=3UK1wGo-LEQ&t=2s>

Uma proposição sem significação poderia ser considerada absurda, entretanto sua possibilidade de manifestação ocorre devido a um sentido; como uma reação a tudo que vivemos. Seriam reconexões – a priori sem sentido – mas que são um sentido amplo; são percepções múltiplas do ambiente, do inconsciente e do mundo. O absurdo acontece como o motor das coisas, que gera agitação confusa e necessidade de mudança.

Levamos em conta a existência do absurdo por violar as leis da lógica e provar repetidamente a contradição da vida. O não-senso pode ser como o ponto zero do pensamento, onde sua perplexidade faz o raciocínio girar, o corpo vibrar e transbordar numa contra-fluidiez excessiva. Como uma *coenestesia* (do grego *Koiné*, comum, e *aesthesis*, sensação) “de um certo caos que perturba o corpo, através de um fluxo de sensações” (GREINER, 2005, p.62).

Na “Lógica do Sentido”, escrito por Gilles Deleuze (1974), o “bom senso”, que se determina por um sentido único, é ultrapassado pelo paradoxo, que afirma dois sentidos simultaneamente. O que Deleuze quer dizer é que as significações, estão em trânsito permanente, num paradoxo das representações:

(...) a obra fantástica se refere imediatamente ao sentido e relaciona diretamente a ela a potência do paradoxo. O que corresponde os dois estados do sentido, de fato e de direito, a posteriori e a priori, um pelo qual o in-ferimos indiretamente do círculo da proposição, outro pelo qual o fazemos parecer por si mesmo desdobrando o círculo ao longo da fronteira entre as proposições e as coisas. (DELEUZE, 1974: 23)

Do sentido para os sentidos múltiplos. O paradoxo da linguagem destrói o “bom senso” como única direção, ou seja, provoca interpretações dúbias, duvidosas e uma série de questionamentos. Sem uma orientação precisa, o detrimento torna-se

a mistura das relações entre as coisas. Transbordamos a lógica do sentido, a distinção entre duas espécies de coisas.

Estamos meio à uma poética de atravessamento que não se resguarda em um único local, mas transmuta incessantemente e perde suas medidas. É em tal paradoxo que se reflete a insistência na ambivalência e no descomedimento da liberdade artística: a arte que se afirma e se rasga, que é *anti* e *pró*, ambígua por excelência. Seria este o arbitrário fracasso da linguagem, seu absurdo, ou quem sabe, burrice que percorre novos caminhos das coisas.

Deste esta perspectiva de lo absurdo, la producción de nueva información se ve como síntesis de la información precedente. El “artista” deja de ser visto como creador y passa a ser visto como um jugador que juega com fragmentos disponibles de información (...) Participa de los diálogos para, deliberadamente, producir algo imprevisto. (FLUSSER, 2015, p.121)

Como diz Vilém Flusser, numa informação absurda se faz um jogo, o intérprete iteage<sup>8</sup>, participa da produção e cria algo imprevisto. No absurdo de um conhecimento criado, que joga e que não tem sentido fixo, festejamos o fracasso da ciência e da determinação do saber. Para Merleau-Ponty, o fracasso da ciência é seu gradiente, o grau de variação das coisas: “O Gradiente é uma rede que se lança ao mar sem saber o que recolherá. Ou, ainda, é a estreita ramificação sobre a qual se farão cristalizações imprevisíveis” (MERLEAU-PONTY, 2013, p.16). Fundamenta-se aqui uma criação imprevista.

Na internet vemos a potência de uma arte duvidosa e paradoxal uma vez que ela gera notícias, comentários extensos, agressões, divulgações, visualizações, investigações, *stalkers*, redes. As negações da arte por estes comentaristas voltam às questões primordiais deste trabalho e gera perplexo. Ao dar reviravoltas nas ofensas diretas, chego à conclusão que o fracasso da minha performance foi um sucesso. *DIOTA* chega à um nível massificador de visualizações: mais de 640 mil visualizações no *Vimeo*<sup>9</sup>. Se não fosse os ditos *haters*, o vídeo provavelmente não chegaria a esse nível de disseminação; eles divulgam muito bem o trabalho!

Enquanto queixam-se que esta performance fez parte de um evento nacional que ganhou prêmio REDES FUNARTE para acontecer, soa que *DIOTA* em si é premiado, sem a totalidade do evento. Enquanto o evento tem como público alvo os moradores locais do Lago Oeste, os estudantes de arte, os artistas, os pesquisadores e interessados na Arte Contemporânea; soa que esta produção tem a obrigação de agradar a grande massa. Ocorre o trânsito dos fatos.

Para tal ocasião, lanço nas redes o registro do trabalho *Como Ensinar Arte Contemporânea para Crianças Mortas* (figura 9) em consideração aos críticos que pediram explicações e fazendo referência à obra de Joseph Beyus (figura 10). A ação consistiu em utilizar uma máscara de macaco e distribuir bananas para que as pessoas comam enquanto contemplam o quadro de bananas. A ação foi feita no Setor Bancário Sul de Brasília, local que considerei haver muitas “crianças mortas”, ou seja, adultos (do *latim*: adulterados da criação), e poucas crianças (do *latim*: criação).

Não é necessário sermos crianças para fazer arte ou sermos superiores detentores da verdade para sermos artistas. A criação em si, a quebra de paradigmas, as inúmeras tentativas de novas possibilidades, os olhares avessos e o descascar de uma banana poderiam trazer algo que mudasse as nossas vidas para algo que desejamos ou até para algo melhor que nem imaginamos. Já que há crise, já que há descontentamentos, que nossas vidas não sejam mortas por falta de possibilidades.



Figura 9: Como Ensinar Arte Contemporânea para Crianças Mortas. Proposta por Natasha de Albuquerque. Auxílio: Fernando Carvalho. Foto: Ana Flávia Silvestre. Setor Bancário Sul, Brasília, 2016.



Figura 10: Como explicar arte a uma lebre morta. Performance de Joseph Beuys. Galeria Schmela, Düsseldorf, 1962.

A divulgação do post – resposta (figura 8) nas redes conservadoras que rechaçaram *DIOTA* não tiveram repercussão – não foram “curtidas” ou “compartilhadas” de modo significativo. Há a possibilidade dos críticos de *DIOTA* não terem interesse de

aprender Arte Contemporânea (o que é duvidoso uma vez que grande parte fez perguntas querendo entender melhor tal tipo de arte); ou a indignação fez cegar e ensurdecer; ou houve conspiração das redes sociais que inviabilizam a fala de quem se defende (mesmo postando várias vezes); ou a (im)possibilidade de diálogo em si falhou; ou o estranhamento gerou distâncias; ou não foi uma postagem interessante; ou não sei.

O vazio entre *eu e o outro* tomou proporção em uma *ciberpaisagem* de diálogos ociosos sobre a perplexidade. Não pude responder tantas perguntas assim como não quiseram ouvir as respostas dadas – diálogo *contra-ditório (sic)*. Qual é o tamanho de tal distanciamento? Por que este encontro com o vídeo gerou tamanho estranhamento?

Talvez a realização de um diálogo construtivo foi interrompida por um enorme borrão nas falas, uma neblina que faz incompreender, um vazio da História da Arte nas escolas ou um apagamento das reflexões que não vão gerar respostas. Os novos caminhos de uma burrice que “não quer saber” geram discussões sobre a existência da arte e refletem o absurdo da existência humana como um discurso invertido autobiográfico.

## **EM TEMPOS DE CRISE**

Em agosto de 2017, *DIOTA* foi vinculado à exposição *Não Matarás* no Museu Nacional da República, Brasília. A exposição discutiu a violência e o absurdo político da época da ditadura ligada com a atualidade brasileira. A curadoria reuniu 58 obras de José Zaragoza e mais 35 de artistas e coletivos brasileiros atuantes. “No país das contradições, o absurdo é rei.” (Coletivo DOMA, 2018, p.4)

Para a exposição, foi discutido o fracasso político, a decadência, a violência contra as vozes minoritárias e a violação dos direitos. Chega-se à frase de Mário Pedrosa: “Em tempos de crise é preciso estar com os artistas” (PEDROSA, *ad tempura*). Ao ouvir dezenas de vezes a palavra “crise” ecoando por toda a discussão, achei pertinente apresentar o vídeo *DIOTA*. O vídeo aderiu à poética de abismo<sup>10</sup>, ruína e todas as características discutidas para a exposição. O momento de crise pessoal vem como um desencadeamento de crises maiores.

ALBUQUERQUE, Natasha de. Diota: poética do absurdo em tempos de crise, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.557-575.

Ao mesmo tempo que ocorre a exposição *Não Matarás*, vários projetos artísticos foram censurados no Brasil por conta de uma movimentação de lugares de política de direita, retrógrada e conservadora. A principal movimentação aconteceu na exposição *Queer<sup>11</sup> Museu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* que no dia 10 de setembro foi fechada pelo Santander, seu proponente. Quem articulou a censura do conteúdo e o fechamento da exposição foi o grupo de extrema direita MBL: Movimento do Brasil Livre. O MBL está sendo processado pelos artistas por difamação.

Alguns dos principais objetivos da política cultural estatal, segundo a Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313/91), são: a facilitação do acesso à arte que visa diversidade cultural, a democratização da arte, da criação e seu acesso livre. Arte encontra-se hoje como um bem público a ser suportado pelo Estado, porém levanta a questão que nem todos dos cidadãos se beneficiarão igualmente por conta da distinção de gostos e preferências. “Se toda a programação lhe agrada, fique atento: isso significa que ela não é suficientemente diversificada.” (BRANT, 2003, p.94). Deve haver oferta da possibilidade de experimentar novas formas de expressão ao invés de ser promovido pelo Estado o consumo de manifestações que já são conhecidas e apreciadas na cultura vigente.

No dia 13 de setembro de 2017, O deputado Marco Feliciano (PSC-RJ) e junto aos deputados da bancada evangélica: Arolde de Oliveira (PSC-RJ), Lincoln Portela (PRB-MG), Marcos Soares (DEM-RJ) e Luciano Braga (PRB-BA) foram em comitiva ao Museu da República com o objetivo de exigir o cancelamento da exposição *Não Matarás*. A bancada evangélica pegou carona com o MBL em suas manifestações de repúdio e difamação da arte. Os parlamentares viram a exposição com a ajuda de um mediador do próprio museu e anunciaram fazer uma liminar de juiz para interditar a exposição utilizando o vídeo *DIOTA* como “bode expiatório”, alegando ser de conteúdo “ofensivo”.

O posicionamento do diretor do Museu Nacional, Wagner Barja, foi de resistência por não admitir em hipótese alguma o fechamento, a censura ou qualquer restrição na exposição *Não Matarás*. Wagner Barja estendeu o período de duração desta exposição e, junto aos artistas, organizou o seminário sobre Arte, liberdade de

expressão e democracia. Na mesa: a curadora Marília Panitz e o Juiz Presidente da Corte interamericana de Direitos Humanos Roberto Figueiredo.

A exposição recebeu o nome temporário: “Não Fecharás – Em tempos de crise, é preciso estar com os artistas” em declaração de resistência e alusão ao pensamento de Mário pedrosa e Ezra Pound sobre os momentos que nos sentimos perdidos, o quanto a percepção artística é uma antena social que gera a reflexão e o espanto essenciais para qualquer reconstrução. Disse Wagner Barja em entrevista: “A política aqui é que quem entra no museu tem que sair diferente. Museu não é parque de diversão. É para incomodar mesmo, para fazer pensar”.<sup>12</sup>

No dia 19 de setembro de 2017, a exposição “Não Fecharás” recebeu a visita de 30 parlamentares que se pronunciaram a favor da arte. Entre eles: Erika Kokay (PT), Chico D’Angelo (PT), Jean Wyllys (PSOL) e Margarida Salomão (PT). Estes anunciaram publicamente repúdio à tentativa de Deputados de fechamento da exposição e foram recebidos pelos artistas no Museu Nacional para maior diálogo presencial.

A exposição ficou aberta até sua data estendida prevista, sem restrições. Terminou com um número recorde de mais de 120 mil visitantes. Não recebeu outras ameaças por políticos ou judiciários, mas foi atacada diariamente pelo público conservador. Os mediadores do projeto educativo e os seguranças do museu foram constantemente bombardeados com xingamentos, grosserias, evangelizações e indignações de quem não admitiu nudez na arte daquela maneira, nem burrices, entre outras questões. Nos relatos dos mediadores do educativo, uma senhora pergunta para outra senhora se *DIOTA* é indecente, ela responde que não acha - afirmando que indecente é a política que vivemos.

*DIOTA* causa ainda mais reboliço ao público conservador e gerando polêmica num cenário de crise política. Com as frequentes censuras de exposições em 2017, a Arte Contemporânea está em terreno frágil que precisa ser discutida e articulada. *DIOTA* faz parte do cenário gritante de incompreensão à Arte e de resistência da liberdade de expressão. Nosso percurso de insurgência está numa visibilidade frágil passível de entrar para História.

Vivemos uma arte contemporânea que gera um abismo do pensamento e o deslizamento em nossas incompreensões, descomedimentos e ao mesmo tempo gera a liberdade se ser o que somos. Pode ser esta uma lição vazia sobre a perplexidade, uma autobiografia sobre outros, um *bug* das definições, uma paralisação que movimenta sensações, interrogações, sentidos arbitrários, tremores ou novas corporeidades. Na iteração de não seguir as regras: uma pretensão burra que se lança nas sensações desconhecidas e um outro caminho a seguir.

## Notas

<sup>1</sup> Corpos informáticos é o grupo de pesquisa em performance mais antigo do país. Foi criado em 1991 na Universidade de Brasília a partir da iniciativa da professora Bia Medeiros, que reuniu alunos, artistas, pesquisadores e professores para uma produção coletiva de linguagem híbrida e subversiva. Atuais integrantes: Ayla Gresta, Bia Medeiros, Bruno Corte Real, Camila Soato, Carla Rocha, Diego Azambuja, Jackson Marinho, Mariana Brites ou Alla Soub, Maria Eugênia Matricardi, Mateus de Carvalho Costa, Matheus Opa, Natasha de Albuquerque, Rômulo Barros, Zmário ou José Mário Peixoto e Thiago Marques. Site do grupo: <http://corpos.org/>

<sup>2</sup> Vem do conceito de *senal normatizante*, oposto ao *senal nomadizante*. Em ALBUQUERQUE & MEDEIROS, 2013.

<sup>3</sup> Palestra Arte & Ciência 5 - A Física na Fronteira da Filosofia (Extrato). Com Rogério Rosenfeld (UNESP) e Antônio Cícero; mediação Nicolas Behr. Brasília, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), outubro de 2015.

<sup>4</sup> Em <http://www.hipertrofia.org/forum/topic/170094-feminismo-e-suas-fal%C3%A1cias/?page=97#comment-2873037>

<sup>5</sup> Por Rodrigo Rozeno in <https://vimeo.com/194573362#comments>

<sup>6</sup> Por Gustavo Kannenberg3 in <https://vimeo.com/194573362#comments>

<sup>7</sup> <https://www.facebook.com/mamaefalei/posts/1903079783259701>

<sup>8</sup> De iteração. Conceito utilizado pelo grupo Corpos Informáticos (AQUINO & MEDEIROS, 2011) para definir obras de arte que se modificam, que percorrem um caminho indeterminado, para além da proposta do autor.

<sup>9</sup> <https://vimeo.com/194573362>

<sup>10</sup> Seria o abismo nossa atual vanguarda de *ismo*? De perceber a imensidão de um poço que podemos cair, de não ver limites nos absurdos do mundo e saber o quanto estamos estagnados, sem direções. Não estamos em um mundo tão novo, mas talvez estejamos mais perplexos a ele.

<sup>11</sup> Termo que significa estranho, diferente. Inicialmente usada de forma pejorativa para a comunidade LGBT, soropositivos, prostitutas e pessoas de contexto marginalizados. Hoje, termo *Queer* passou por uma resignificação que a própria comunidade marginalizada se apropria e assim transforma o caráter pejorativo.

<sup>12</sup> <https://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2017/09/13/feliciano-tenta-censurar-exposicao-no-museu-da-republica-de-brasil/>

## Referências

ALBUQUERQUE, Natasha de; MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Composição Urbana: Surpreensão e Fuleragem*. Rio de Janeiro: SESC, 2013, p. 24 a 35.

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Corpos Informáticos- performance, corpo, política*. Brasília: Editora de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

BRANT, Leonardo. *Políticas Culturais*. Barueri: Editora Manole, Lda, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia, vol.1*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

FLUSSER, Vilém. *El universo de las imágenes técnicas: Elogio de la superficialidad. Traducción: Julia Tomasini – 1ª ed.* – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2015.

GREINER, Christiane. *O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes. Breve histórico das errâncias urbanas*. Rio de Janeiro: EDUFBA. 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito; Tradução Paulo Neves e Mari Ermantina Galvão Gomes Pereira*. 1a edição Cosac Naify Portátil. São Paulo: Cosac Naify 2013.

<http://performancecorporopolitica.net/>

<https://vimeo.com/194573362>

<http://www.adelinagaleria.com.br/livretos/livreto-doma.pdf>

<http://www.hipertrofia.org/forum/topic/170094-feminismo-e-suas-fal%C3%A1cias/?page=97#comment-2873037>

<https://www.facebook.com/mamaefalei/posts/1903079783259701>

<https://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2017/09/13/feliciano-tenta-censurar-exposicao-no-museu-da-republica-de-brasilia/>

<http://www.sweetlicious.net/arte-erotica/diota-75576>

<https://www.youtube.com/watch?v=sYmDxur1oVE&t=2s>

<https://www.youtube.com/watch?v=3UK1wGo-LEQ&t=2s>

### **Natasha de Albuquerque**

Artista, mestranda em Artes pela Universidade de Brasília. É componente do grupo de pesquisa Corpos Informáticos desde 2011. Site: [natashadealbuquerque.hotglue.me](http://natashadealbuquerque.hotglue.me). E-mail: [natashadealbuq@gmail.com](mailto:natashadealbuq@gmail.com).